

**TERRITÓRIO RURAL DO BOLSÃO/MS: A MOBILIDADE DO COMPLEXO  
EUCALIPTO/CELULOSE E SEUS IMPACTOS EM COMUNIDADES  
CAMPONESAS<sup>1</sup>**

**TERRITÓRIO RURAL DO BOLSÃO/MS: A COMPLEX MOBILITY  
EUCALYPTUS/CELLULOSE AND ITS IMPACTS ON COMMUNITIES PEASANTS**

Mariele de Oliveira SILVA<sup>2</sup>  
Rosemeire Aparecida de ALMEIDA<sup>3</sup>

**Resumo:** O Território Rural do Bolsão/MS é caracterizado por uma estrutura fundiária altamente concentrada, resultante do processo de apropriação das terras por grandes fazendeiros. Porém, desde 2006, a região presencia nova reconcentração fundiária sob a égide do grande capital industrial, representado pela expansão territorial do complexo eucalipto/celulose, liderada pela Fibria e Eldorado Brasil. Nessa perspectiva, o objetivo desta pesquisa é apreender as transformações socioambientais, fruto da expansão do complexo – especialmente nas áreas de reforma agrária circunvizinhas às empresas nos municípios de Três Lagoas e Selvíria. Como metodologia de análise, recorreremos à revisão bibliográfica de obras que tratam da questão agrária; como procedimento de coleta de dados, ao uso de fontes orais; e como técnica de pesquisa, optamos pela aplicação de entrevistas aleatórias. Essas empresas escolheram, inicialmente, os municípios de Três Lagoas e Selvíria como áreas prioritárias para o plantio de eucalipto e que estavam anteriormente ligadas a atividades da pecuária extensiva; isso provocou intensas transformações no campo, decorrentes da relação entre a indústria, o latifúndio e o Estado.

**Palavras-chave:** Complexo eucalipto/celulose; Transformações socioambientais; Território rural do Bolsão/MS; Três Lagoas e Selvíria/MS.

**Abstract:** The Território Rural do Bolsão/MS is featured by a highly concentrated agrarian structure resulting of the land appropriation process by large farmers. But, since 2006, the region witnesses a new agrarian reconcentration, under the aegis of the great industrial capital, represented by the territorial expansion of the complex eucalyptus/cellulose, led by Fibria and Eldorado Brazil. In this perspective, we objectify with this research: to apprehend the socio-environmental transformations due to the expansion of the complex, especially in the agrarian reform areas surrounding the companies, in the municipalities Três Lagoas and Selvíria. As analysis methodology, we appeal to the bibliographical revision of workmanships that deal with the agrarian question, as procedure of data collection, the use of oral sources; and as research technique, we opted for the application of random interviews. These companies chose initially, the municipalities of Três Lagoas and Selvíria, as priority areas for the planting of eucalyptus, previously linked to extensive cattle activities, marking intense transformation in the field, due to the relationship between the industry, the landowners and the state.

**Keywords:** Complex eucalyptus/cellulose; Socio-environmental transformations; Território rural do Bolsão/MS; Três Lagoas and Selvíria/MS.

---

<sup>1</sup> Esta reflexão é parte da pesquisa de Mestrado intitulada “A (re)criação do campesinato em Cáceres/MT e no contexto de expansão territorial do agronegócio em Três Lagoas e Selvíria em Mato Grosso do Sul” desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus Três Lagoas, sob a orientação da Profª. Dra. Rosemeire Aparecida de Almeida.

<sup>2</sup> Mestre em Geografia/UFMS. E-mail: mosgeolice@gmail.com.

<sup>3</sup> Professora Doutora em Geografia/UFMS. E-mail: rosimeire-aparecida@uol.com.br.

## Introdução

Mato Grosso do Sul possui uma área de 358.158,7 km<sup>2</sup>, é formado por 77 municípios e sua estrutura fundiária está entre as mais concentradas do Brasil – situação decorrente da questão da insegurança fundiária, representada pelas terras devolutas e improdutivas em mãos de particulares, além da dificuldade de demarcação das terras indígenas e quilombolas, ignorada pelo Estado.

A expansão da agricultura industrial nos moldes da revolução verde, também conhecida como “modernização do campo” e, atualmente, agronegócio, nada mais é do que um nome novo de mercado para designar velhas relações sociais e econômicas, cuja essência remonta ao sistema colonial implantado como modelo agropecuário, sob a tríade latifúndio/monocultura de exportação/exploração dos trabalhadores.

Contraditoriamente, Mato Grosso do Sul vem apoiando as novas dinâmicas no campo, em que o latifúndio da pecuária vai cedendo espaço para as atividades de monocultivo. Exemplo é o apoio irrestrito à expansão do plantio de eucalipto na região que compreende o Território Rural do Bolsão/MS.

Para Mauro (2004), a transformação da biodiversidade em monoculturas, que acomete países considerados de terceiro mundo, é responsável por provocar vários problemas agrários, tais como a concentração fundiária nas mãos do latifúndio e dos diversos setores do capital; a utilização da terra pelo modelo tecnológico; a biotecnologia, possível causadora de diversos impactos ambientais; as péssimas condições de vida no campo; a política agrícola voltada aos grandes empreendimentos; e, por fim, o empobrecimento da pequena agricultura familiar. Assim:

O espaço está em constante movimento de reorganização, desencadeado por processos espaciais que atendem as necessidades mutáveis do modo de produção capitalista na busca incessante por melhores estruturas para a acumulação ampliada de capital. Nessa dinâmica, emergem conflitos e desequilíbrios socioambientais, quase sempre provocando perdas irreversíveis traduzindo-se em redução da ordem do sistema espacial (aumento da entropia). No momento seguinte, há um retorno a uma ordem, não à mesma ordem, mas a uma nova ordem espacial (ARAÚJO; BICALHO; VARGAS, 2011, p.88).

Compreendendo uma área de 45.929,9 km<sup>2</sup>, o Território Rural do Bolsão/MS, criado recentemente pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), é formado por oito municípios – Três Lagoas, Água Clara, Selvíria, Paranaíba, Aparecida do Taboado, Inocência, Cassilândia e Chapadão do Sul – cuja economia se baseia, sobretudo, na atividade pecuária de bovinocultura de corte, com forte concentração fundiária.

Atualmente, esse território presencia nova reconcentração fundiária, agora sob a égide do grande capital industrial, representado pela expansão territorial do complexo eucalipto/celulose. Tal expansão decorre, especialmente, da escolha do município de Três Lagoas para ser a sede da maior fábrica de celulose e papel do Brasil, conhecida como Horizonte – controlada pela Fibria, resultante da fusão da Votorantim Celulose e Papel (VCP) e da Aracruz. Com isso, a Fibria intensificou a expansão do plantio de eucalipto, iniciado no ano de 1988 pela empresa Chamflora Três Lagoas Agroflorestral.

Segundo Perpetua (2012, p. 31) a instalação dessas indústrias na região:

[...] ocorreu com a chegada da empresa brasileira Votorantim Celulose Papel (VCP), o antigo “braço verde” do Grupo Votorantim, em parceria com a International Paper, que compuseram um projeto conjunto batizado “Projeto

Horizonte”, a partir de troca de ativos entre as duas empresas no ano de 2006, momento em que se deu o lançamento da pedra fundamental do então chamado Complexo VCP-IP.

Concomitantemente, no ano de 2010, outra empresa de celulose e papel – representada pelo grupo JBS e MCL Empreendimentos – também aporta no Território, a Eldorado Brasil. Anteriormente à inauguração desta fábrica, no ano de 2012, à beira do rio Paraná, suas áreas de expansão correspondiam a cerca de 40 mil hectares de “florestas plantadas” (leia-se plantio de eucalipto), cultivados na região localizada entre os municípios de Três Lagoas e Selvíria.

Inicialmente, a empresa Florestal Brasil era seu principal eixo de fornecimento de matéria-prima e havia se comprometido a “plantar 30 mil hectares/ano de eucaliptos e garantir a matéria-prima necessária para a indústria Eldorado por um período de até cinco anos”, conforme entrevista dada à revista Exame no dia 14 de junho de 2010. Atualmente, as empresas Fibria e Eldorado Brasil possuem área correspondente a 800 mil ha de eucalipto na região leste do MS<sup>4</sup>.

**Figura 1:** Fibria



Fonte: Perfil News

**Figura 2:** Eldorado Brasil

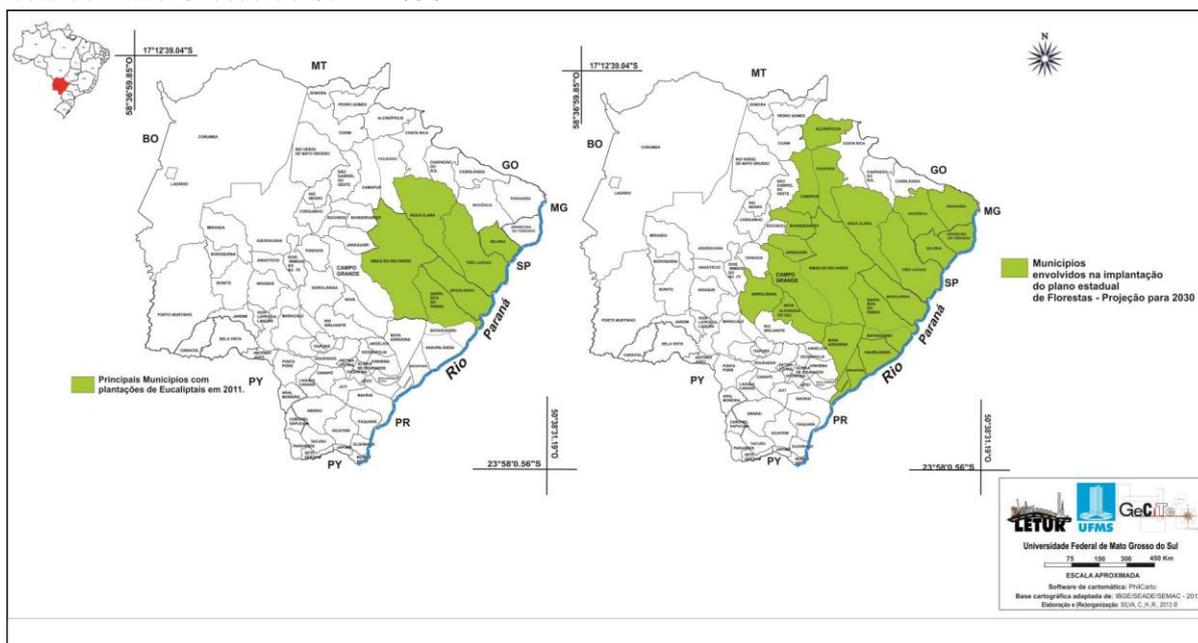


Fonte: Veja

<sup>4</sup> Para saber mais sobre o complexo eucalipto/celulose, ver Painel Florestal: <http://www.painelflorestal.com.br/>.

A implantação das empresas de celulose e papel marcou a intensa relação entre a indústria, o latifúndio e o Estado – uma tríplice aliança materializada nos municípios por meio da expansão da agricultura empresarial, alicerçada na concentração de terra no campo, e uma nova reorganização do território que perpassa a articulação das ações do latifúndio do boi com o latifúndio do eucalipto (KUDLAVICZ, 2010).

**Figura 3:** Área prioritária para o plantio de eucalipto em 2011 e plano de expansão do plantio no leste de Mato Grosso do Sul – 2030.



Fonte: SEPROTUR (2009). Organizado por Ribeiro-Silva (2013, p. 80).

O desafio de realizar a desconcentração fundiária, tanto no Estado quanto no território, agravou-se devido à entrada do capital agroindustrial que, em virtude de sua roupagem moderna, travou qualquer possibilidade de desapropriação de novas áreas para a realização da reforma agrária – fato confirmado quando analisamos o número de assentamentos criados em Mato Grosso do Sul. Segundo o relatório organizado pelo Banco de Dados da Luta pela Terra (DATALUTA), entre os anos de 2007 a 2013, houve diminuição gradativa do número de assentamentos criados no Estado de 2007 a 2010; ao observarmos os anos de 2011 e 2012, notamos que não houve nenhuma implantação de projetos de assentamento, e no ano de 2013, apenas um projeto de assentamento foi implantado.

**Quadro 1:** MS: assentamentos criados – 2007-2013

Ano	Assentamentos	Famílias	Área
2007	23	3.754	50.319
2008	7	585	15.721
2009	4	411	6.639
2010	4	352	7.098
2011	0	0	0
2012	0	0	0
2013	1	171	2.492

Fonte: DATALUTA. Organizado pelas autoras.

A situação nos aponta para o fato de que há um problema estrutural no Território Rural do Bolsão: o bloqueio da política de reforma agrária como resultado da perda de sua importância social e econômica e, conseqüentemente, a hegemonia do projeto da agricultura capitalista (agronegócio) no seio do Estado brasileiro.

Desse modo, o objetivo desta pesquisa é compreender as possíveis transformações socioambientais resultantes do avanço do complexo eucalipto/celulose nos municípios de Três Lagoas e Selvíria, especialmente nas áreas circunvizinhas às empresas. Como procedimento de coleta de dados, recorreremos ao uso de fontes orais. Como técnica de pesquisa, optamos pela aplicação de entrevistas aleatórias junto à comunidade local sob influência do plantio, por compreender que essa técnica favorece a revelação, pelos sujeitos, de detalhes pertinentes aos fatos ocorridos no passado e no presente. Além disso, no relato dos sujeitos que participaram do processo e o vivenciaram, podemos interpretar novas perspectivas do real.

A respeito do uso das fontes orais na pesquisa, destacamos as palavras de Maria Janotti e Zita Rosa (1992, p. 12): “ao dar voz aos vencidos, acreditou-se estar abrindo mão do espaço do cientista para que o outro falasse e assim redimisse o grupo”. Ao pesquisador, cabe, pois, primeiramente, por meio das entrevistas, propiciar espaços à voz dos próprios personagens da história para, depois, transcrever o material coletado e analisar o discurso materializado nas falas. Ou seja: o papel do entrevistador é articular as falas e selecionar, mediante o critério da pertinência ao tema, os recortes e respectivos sujeitos do dizer, criando uma inter-relação entre a fala e os objetivos da pesquisa, para, então, analisar os dizeres à luz dos fundamentos teóricos que sustentam a investigação.

Ao falarmos sobre a expansão do plantio de eucalipto no município de Três Lagoas, é preciso destacar que essa região é marcada, desde 1885, pelo processo de apropriação de terras por grandes fazendeiros – entre eles, Protázio Garcia Leal, neto de Januário Garcia Leal, que se instalou na região da Piaba, às margens do Rio Verde; e Antônio Trajano dos Santos, que se instalou na região que chamou de Fazenda das Alagoas, em razão das três grandes lagoas ali existentes.

O processo de apropriação das terras pela família Garcia intensifica-se a partir do ano de 1912, com a instalação das linhas férreas da Companhia Estrada de Ferro Noroeste do Brasil: extensas áreas que se localizavam nos arredores do município de Três Lagoas são compradas e ocupadas pela família, voltadas principalmente à pecuária extensiva.

A emancipação do município de Três Lagoas, com uma área total de 10.206,37 km<sup>2</sup>, ocorre no ano de 1915. Banhado pelos rios Paraná, Sucuriú e Rio Verde, além das três lagoas existentes dentro do perímetro urbano, o município é conhecido como “Cidade das Águas”.

De acordo com Kudlavicz (2010, p. 59), a partir dos anos de 1970, outras atividades ao lado da pecuária extensiva despontaram no campo, especialmente devido às ações do programa POLOCENTRO, na região que compreende Campo Grande e Três Lagoas. Entre essas atividades, houve apoio ao monocultivo de eucalipto, liderado pela empresa Chamflora Três Lagoas Agroflorestal, no município de Três Lagoas. Segundo o autor, mesmo com nível pouco acentuado de produção e plantio, “[...] foram determinantes como sinalizador dessa Microrregião [Três Lagoas] como área reservada para o monocultivo de eucalipto e pinus [...]”.

Asevedo (apud ABREU, 2013, p. 59) adverte que:

As raízes da *silvicultura* nessa região remontam ao final da década de 1970, ou seja, o governo militar – ávido em *criar* uma região produtora de eucalipto e *pinus* para abastecer indústrias siderúrgicas do Sudeste – realizou investimentos em projetos de “florestamento-reflorestamento” na área compreendida entre Campo Grande e Três Lagoas através do Programa de Desenvolvimento dos Cerrados – POLOCENTRO, vigente de 1975-1981.

Na tabela 1 observamos a expansão do plantio de eucalipto e pinus nos municípios de Ribas do Rio Pardo, Três Lagoas e Água Clara, nos anos de 1972 a 1983. No ano de 1972, Três Lagoas registrou 1.597,08 ha plantados de eucalipto e 2.500,00 ha no ano de 1980. Porém, a maior área plantada foi registrada no ano de 1980, no município de Ribas do Rio Pardo: 30.975,15 ha plantados de eucalipto, perdendo impulso justamente quando os incentivos fiscais foram cessados, no início da década de 1980. Destacou-se a plantação de pinus no município de Ribas do Rio Pardo.

**Tabela 1:** Plantio de eucalipto/pinus (ha) Campo Grande – Três Lagoas

Produtos	Ribas do Rio Pardo		Três Lagoas		Água Clara	
	Eucalipto	Pinus	Eucalipto	Pinus	Eucalipto	Pinus
1972	489,08	210,00	1.597,08	-	837,24	-
1974	2.343,27	540,92	13.344,20	-	1.487,77	-
1976	26.178,96	361,60	9.855,52	-	5.439,11	4.270,53
1978	22.312,32	64,47	4.090,92	-	8.448,97	-
1980	30.975,15	5.106,80	2.500,00	2.500,00	4.500,00	1.490,00
1982	24.679,62	4.144,00	830,00	-	3.394,87	3.400,00

**Fonte:** Kudlavicz, 2010. Organizado pelas autoras.

Contraditoriamente, é nesta região marcada pela aliança do latifúndio boi/eucalipto que, em 1988, a luta dos sem-terra se inicia. Neste ano, é implantado o primeiro projeto de assentamento na microrregião de Três Lagoas, intitulado Pedreira – que contemplou 10 famílias numa área de 87 ha no município de Ribas do Rio Pardo, justamente numa das áreas de maior expansão do plantio de eucalipto.

Refletindo sobre a acumulação capitalista do agronegócio, Fabrini (2010, p. 64) revela que, ao contrário do que os adeptos do desenvolvimento atual insistem em afirmar, ela não está pautada apenas numa garantia econômica no mercado mundial. Além dessas garantias, ela também idealiza “[...] uma acumulação capitalista de renda derivada da propriedade da terra, o que faz surgir a classe de proprietários fundiários e não somente a classe dos capitalistas no campo [...]”.

De acordo com Almeida (2009), em decorrência do avanço desse modo de produção capitalista no campo, houve uma acelerada diminuição da produção de alimentos essenciais à manutenção da vida e, conseqüentemente, o empobrecimento dos camponeses, uma vez que áreas que deveriam ser cultivadas com plantações de consumo popular são ocupadas por grandes monoculturas, bloqueando a função social da terra como (re)produtora da vida.

Analisar esses novos arranjos de reorganização do território no município de Três Lagoas e Selvíria traz, para o campo de debate, a necessidade de compreender que tais arranjos nada mais são que produtos da organização social e resultados da influência das classes capitalistas sobre uma determinada parcela do território, por meio das territorialidades que desenvolvem (SAQUET, 2007).

O monocultivo de eucalipto é uma atividade responsável por diversos impactos socioambientais, conforme evidenciam pesquisas de diversos autores – a exemplo das análises do monocultivo de eucalipto no Rio Grande do Sul, feitas por Suertegary (2009, 2011, 2013); no estado de São Paulo, por La Torre (2011); e na microrregião de Três Lagoas, por Almeida (2010, 2011, 2012) e Kudlavicz (2010).

A seguir, analisaremos as conseqüências da territorialização das indústrias de celulose para a vida das famílias das pequenas propriedades e dos assentamentos nos municípios de Três Lagoas e Selvíria, a partir da sua percepção no seu cotidiano de vida e trabalho. As duas empresas, Fibria e Eldorado Brasil, escolheram inicialmente, como áreas prioritárias para o

plântio, as áreas ligadas anteriormente às atividades da pecuária extensiva e no entorno de alguns projetos de reforma agrária nos dois municípios.

### **Os efeitos do complexo eucalipto/celulose nos municípios de Três Lagoas e Selvíria**

Observamos que arrendamentos e vendas de fazendas de criação de gado para o plantio de eucalipto provocaram ondas de desemprego de famílias que estavam trabalhando; muitas delas, inclusive, residiam nas fazendas. Os relatos de moradores de duas comunidades rurais de Três Lagoas (Garcias e Arapuá) revelam que, por volta de 1996, residiam 25 famílias na fazenda Nippak, 15 famílias na fazenda Vista Alegre e, na fazenda Serrinha, aproximadamente 50 famílias. Estes números não fazem mais parte da realidade, pois as fazendas foram arrendadas para o plantio de eucalipto e as famílias desempregadas, conforme relato de um dos entrevistados:

[...] as fazendas que eu conheço, que eu tenho conhecimento que hoje estão arrendadas para a VCP [FIBRIA] são fazendas de grandes famílias, com muitas famílias, que hoje infelizmente não tem família nenhuma [...] temos aqui a fazenda Sé, a fazenda Duas Maria, fazenda Pôr do Sol, tem a fazenda São Marcos, que eram fazendas que hoje infelizmente, não temos famílias mais, somente o eucalipto, então o que fez diminuir a quantidade de pessoa, a quantidade de família [...] (pequeno agricultor do distrito de Arapuá, 2012, Três Lagoas/MS)<sup>5</sup>.

Além disso, os promotores deste modelo de desenvolvimento do capital conseguem impor, à opinião pública, a ideia de que não há alternativa diferente desta ideia de progresso, a não ser a que está posta por eles. Neste sentido, vale ressaltar o que diz Ullrich (2000, p. 340) sobre este tipo de progresso.

[...] Apesar de relapsos e inseguranças ocasionais, a religião do progresso instaurou-se tão profundamente na mente da maioria, que até hoje, qualquer crítica que lhe seja feita tem mais probabilidade de ser considerada uma heresia incorrigível do que uma voz cautelosa que adverte sobre um caminho errado.

Os moradores das comunidades do entorno dos plantios de eucalipto evidenciam as transformações; na fala de um morador da comunidade rural de Arapuá, de 23 anos, após a chegada do eucalipto, “hoje Arapuá é um deserto”. Ao relatar os impasses deste processo em relação ao distrito de Arapuá, Almeida (2012, p. 37) diz que:

[...] os impactos são processuais e, às vezes, invisibilizados porque são fruto de outra temporalidade. Há que se ter sensibilidade para entender o drama daquele pequeno camponês que vivia do arrendamento do pasto do fazendeiro no distrito de Arapuá e com a expansão do eucalipto não pode mais contar com essa estratégia, situação que implica crise para sua unidade de produção. Até mesmo médios proprietários têm relatado o fim da atividade de engorda de bovinos, não como opção, mas quase como uma saída inevitável. As propriedades pecuárias têm se tornado “ilhas”, com o aumento nos casos de ataque de onças (sem comida nos eucaliptais) sobre os rebanhos [...]

---

<sup>5</sup> Transcrição de parte do relato de pequeno agricultor da zona rural do distrito de Arapuá, Três Lagoas. Entrevista; trabalho de campo realizado em abril de 2012, nas áreas próximas à empresa Fibria.

Algumas insatisfações aparecem entre fazendeiros que arrendaram ou venderam suas terras para o plantio de eucalipto, questionando aquilo que, na época, foi considerado um “bom negócio”. O relato de um camponês de Arapuá elucidado:

[...] conversando com eles [os fazendeiros que arrendaram parte de suas terras para o monocultivo do eucalipto] pessoalmente, estão muito arrependidos, tão arrependido porque não era o que eles pensavam, não era como eles achavam que ia ser, totalmente diferente, ta entendendo, tão achando que tão deixando muito degradado a terra deles, deixando muito a desejar, né, como, tipo, vamos dizer assim, abandono, eles tão achando que ta ficando muito abandonada, porque eram fazendas com benfeitorias, de grandes benfeitorias, e hoje não tem benfeitorias nenhuma, somente o eucalipto, e mais nada [...] eles falam: olha se eu soubesse que ia causa isso dai eu não tinha arrendado minha fazenda [...] (sitiante do distrito de Arapuá, 2012, Três Lagoas/MS)<sup>6</sup>.

Desse modo, as expressões “Hoje meus vizinhos são o eucalipto” e “Hoje Arapuá é um deserto” nos dão a dimensão parcial dos impactos sociais sentidos pelas comunidades, pois esses plantios seguem seu ritmo de expansão.

Neste processo de acompanhar os desdobramentos negativos dessa expansão, questionamos: onde estão as famílias expulsas das fazendas, as quais abandonaram suas casas e perderam suas criações? Muitas se encontram distantes dos locais de onde foram expulsas, daí a dificuldade de apreender o impacto; todavia, localizamos um caso emblemático desta situação. O relato do assentado beneficiário de uma parcela de terra no Assentamento Celso Furtado, no município de Castilho (SP), é bastante esclarecedor. No ano de 2005, a proprietária da fazenda onde ele morava há aproximadamente 35 anos decidiu arrendá-la para o plantio de eucalipto; mesmo desejando ficar, ele se viu forçado a sair:

[...] morava em Três Lagoas lá perto do Arapuá, é tomava conta de uma fazenda desde eu solteiro que eu tomava conta dessa fazenda trabalhei até agora em 2005 [...] Ah quando eu entrei pra modo de trabalha com eles eu tinha uma média, eu tinha uma média de 26 anos. Eu vim da Bahia, direto ai, pro Mato Grosso, só tive uns tempos no Paraná, mas vim direto por Mato Grosso. [...] na fazenda [criação de gado de 200 alqueires] eu dava uma gerenciada mas daquele tipo de gerente que pegava junto néh! É trabalhava junto direto. Rapaz pro gosto eu tava lá até hoje, mas só que lá eu tinha gado que eu criava gado no meio do gado dela [proprietário da fazenda] ai ela resolveu arrendar pra eucalipto! Ela falou: agora a única coisa que eu posso fazer por você é manter o salário seu, mas lá eu tinha 3% do bezerro que nascia e 4% na venda dos bezerros, eu tinha de cada bezerro, podia vender 100, 300 bezerros eu tinha 4% e 3% de cada bezerro que nascia, então eu faturava uma graninha até boa. O leite tirava 100, 150 litros, na época que tirava menos, tirava 50 litros, era meu, ela dava até ajudando pra modo de ajudar a tirar o leite, então dava pra faturar uma coisinha, eai ia cortar tudo, ia fico só num salário [...] Saiu eu e mais um casal só que o casal assim filho e mãe. Porque a veia era viúva eai eu gostava muito do jeito do rapaz, ai eu peguei ele pra trabaia comigo lá, ai quando eu sai ele teve que sair também (assentado do PA Celso Furtado, 2013, Castilho/SP)<sup>7</sup>.

<sup>6</sup> Transcrição de parte do relato de sitiante da zona rural do distrito de Arapuá, Três Lagoas. Entrevista; trabalho de campo realizado em março de 2012, nas áreas próximas à empresa Fibria.

<sup>7</sup> Transcrição de parte do relato do assentado do PA Celso Furtado – Castilho (SP). Entrevista; trabalho de campo realizado em julho de 2013, na região oeste de São Paulo.

No decorrer de seu relato, ele evidencia as ações das empresas: ao mesmo tempo em que propagandeiam o desenvolvimento e são vistas como as maiores responsáveis pela geração de empregos em Três Lagoas, são as mesmas que, contraditoriamente, expulsam a população tradicional do campo e não se preocupam com o destino das famílias moradoras das fazendas e seus dramas, colocadas na esfera do indivíduo e forçadas a sair para dar lugar ao eucalipto. Segundo o assentado, essas famílias estão “esparramadas” pelas fazendas da região em situação mais precária que antes, ou, então, misturam-se à pobreza da cidade.

[...] Olha falar a verdade naquela região minha lá [arredores de Arapuá] é ficaram um bucado desabrigado assim sobre negocio de emprego viu, porque já tá tudo cheio de eucalipto hoje, e esse pessoa que saiu dessas fazendas vizinha lá comigo está meio esparramada tem uns que arrumou serviço lá pro lado de Água Clara pra outras fazendas, outros estão aqui na cidade, em Três Lagoas, mas é umas três fazendas lá foi, que era movimentada de gado virou eucalipto.

Witt (2011), em palestra realizada em Vitória (ES), no ano de 2011, apresentou os resultados de seu trabalho realizado na África do Sul sobre os impactos das plantações de eucalipto naquele país. Segundo o pesquisador, após anos de trabalho, as alterações em nascentes, córregos e rios próximos às plantações foram comprovadas: “[...] durante muitos anos concordaram que as plantações de árvores comerciais, que consistem basicamente de pinheiros ou eucaliptos, tiveram um impacto no suprimento de águas. Isso não é mais discussão [...]”. (MEIRELLES; CALAZANS, 2006, p. 49).

Analisar a questão da água no Território Rural do Bolsão/MS no atual contexto de expansão do complexo eucalipto/celulose torna-se primordial, pois a chamada área prioritária fica próxima ao rio Paraná, evidenciando o interesse de expansão em direção ao território, apropriando-se do recurso água e das terras. A preferência por essa localidade, como apresentado por Witt, decorre de o monocultivo de eucalipto necessitar de grande quantidade de água, desde a plantação (matéria-prima) até o produto final (celulose e papel).

Assim como observado na África do Sul por Witt, a comunidade rural e assentada no território notou alterações em nascentes, córregos e rios próximos às plantações. A situação foi confirmada por um funcionário/trabalhador de ranchos próximos ao rio Sucuriú, morador da região há mais de 25 anos. Ele relata que tem observado o desaparecimento de alguns córregos das antigas fazendas por onde já trabalhou, após seu arrendamento para o plantio de eucalipto.

[...] Vixi os córregos ao lado do Cazuzá<sup>8</sup> onde é que a gente conheceu lá, já esta tudo seco já [...] Inclusive a onde eu morei 20 anos pra baixo um pouquinho tinha um córrego que nós tomava banho lá, hoje acho que pra poder pegar água tem que ser com um copo desse aí [copo americano] depois que plantaram os eucaliptos tá acabando com tudo. [...] os córregos que a gente conheceu já tá tudo seco, tem eucalipto, tudo eucalipto, até como dizem os outros: tão destruindo tudinho [...] tá secando tudo, e aí como é que fica? É do eucalipto néh [...] isso daqui era cheio oh! [figura 6] Olha aí oh! Secou! Aqui eu conheci cheio de água. Lá chegaram pnharam a pedra pra naum fazer erosão (trabalhador de rancho próximo ao rio Sucuriú, 2014, Três Lagoas/MS)<sup>9</sup>.

<sup>8</sup> Cazuzá é um famoso bar da região, localizado na BR que liga Três Lagoas a Inocência.

<sup>9</sup> Transcrição de parte do relato de um morador que conhece a região próxima aos ranchos do rio Sucuriú há aproximadamente 25 anos. Entrevista; trabalho de campo realizado em janeiro de 2014, nas áreas próximas à empresa Eldorado, localizada no município de Três Lagoas.

Nos municípios de Três Lagoas e Selvíria, além da população rural residente nos arredores dos plantios de eucalipto – tanto próximo às áreas de influência da Fibria quanto da Eldorado Brasil –, assentados dos projetos de assentamentos também observam essas alterações. O relato a seguir é de um assentado do projeto Alecrim, localizado em Selvíria:

Então essa represa aqui era cheia, era cheia, e aqui onde nós estamos aqui que hoje levante esse pó, aqui era o ladrão, a água descia aqui oh! E saia ali pra baixo. Por sinal você tá vendo lá o quanto que ela abaixou, a lá oh! e é porque nessa última chuva que deu ela já pegou água. Ela tinha menos água. A nascente era aqui em cima oh! Só que já secou, já secou. Aqui é só água da chuva (assentado do projeto Alecrim, 2013, Selvíria/MS)<sup>10</sup>.

Ao ser questionado se a diminuição da água na represa não se devia à falta de chuva, pois ainda estávamos no início da estação chuvosa, o entrevistado assim respondeu:

Isso daqui eu conheço há sete oito anos que eu conheço, e sempre tinha água, muita água, a água sempre correndo por aqui [...] E conheço outras áreas também, que essa já não é, não faz parte nossa, que o açude secou e era açude muito grande e já secou. Por sinal o córrego do Queixada [figura 4] onde é que eu vivia na beira da estrada lá que eu tomava banho no poço lá, mergulhava, hoje a água não vem na minha canela, então isso já está causando uma preocupação. São vários pontos, já notamos que houve muita diminuição de água, e muita diminuição [...] onde o pau está branco [figura 5] era onde era a água onde é que está preto para cima não a lá oh! O sinal esta lá. Eu cansei de chegar aqui onde tá aquela cerquinha ali oh e entrar dentro da água até ali, e meter o braço e chegar lá, eu sentar em cima daquela cabeça de capim lá oh! Cansei. E hoje ta essa situação ai oh! que dá dó [quando ela começou a reduzir?] Ela foi reduzindo aos poucos. Ela começou perder força mesmo foi depois que o eucaliptos cresceu aqui, que ela perdeu força. Porque aqui na costa da nascente ali oh, então tem eucalipto, só tem um carreador que passa e a gente. Eu conheci essa área antes de eucalipto, esse eucalipto deve ter mais ou menos agora uns seis anos, já cortou [tem outras áreas nessa situação?] aqui era um corgo, e esse corgo aí pra baixo secou também [...]

---

<sup>10</sup> Transcrição de parte do relato de um assentado que conhece a região há mais de 10 anos. Entrevista; trabalho de campo realizado em janeiro de 2014, no PA Alecrim, localizado em Selvíria.

**Figura 4:** Córrego do Queixada com baixo nível de água



**Figura 5:** Represa dentro da APP do assentamento Alecrim com baixo nível de água



**Figura 6:** Córregos com baixo nível de água



**Fonte:** Trabalho de campo, janeiro/fevereiro de 2014. Organizado pelas autoras.

É necessário registrar que relatos semelhantes também foram feitos pelos pequenos produtores das comunidades rurais de Arapuá e Garcias<sup>11</sup>, distritos do município de Três Lagoas, e ainda pelos assentados do projeto Vinte de Março. No relato do morador deste assentamento, que conhece a região desde pequeno, novamente aparece a questão da água, uma vez que se denuncia o desaparecimento de cursos d'água.

Em sua fala, ele assegura que, numa das fazendas em que morou entre o período de 1965 a 1989, na região próxima a Arapuá, havia um córrego onde costumava se reunir-se com seus familiares para tomar banho aos finais de semana, cujo nível da água se manteve estável enquanto esteve na fazenda. A situação mudou, no entanto, no momento em que parte dessa mesma fazenda foi arrendada para o plantio de eucalipto da empresa Fibria, o que, segundo o entrevistado, foi responsável pelo desaparecimento da lagoa.

Para Bihl (1998, p. 128), tanto os elementos sociais quanto os ambientais estão sendo:

[...] Convertidos em simples fatores de produção e, assim, em componentes do capital, os elementos naturais estão também sujeitos às exigências de sua acumulação indefinida, sem relação nem com sua limitação (por exemplo, as matérias-primas), nem com seu ritmo de renovação (por exemplo, a água ou o solo), nem com sua integração nos equilíbrios ecológicos e sociais frágeis

<sup>11</sup> Para saber mais, ver: KUDLAVICZ, Mieceslau; MARGARIT, Eduardo, ANTUNES, Tayrone Roger. Eucalipto e impacto em comunidades rurais: o caso de Garcias em Três Lagoas/MS. In: Congresso Sul-Mato-Grossense de Geógrafos, 1, 2012, Campo Grande. *Anais*. Campo Grande: UFMS, 2012.

(por exemplo, os efeitos ecológicos e sociais na introdução de certas culturas ocidentais nas agriculturas do terceiro mundo) [...]

Quanto ao movimento de reorganização, em especial sobre as áreas de conquista da reforma agrária, o caso de Selvíria é emblemático, sobretudo após a instalação da fábrica da Eldorado Brasil em Três Lagoas, nas suas proximidades com este município. Concomitantemente à instalação da fábrica, a região circunvizinha tornou-se prioritária para a expansão do monocultivo de eucalipto, que cercou os projetos de assentamentos implantados em Selvíria – Alecrim, São Joaquim, Canoas I e II e Pontal do Faia.

A figura 9, a seguir, evidencia a presença do plantio de eucalipto próximo aos sítios dos assentados do PA Alecrim – localizado a cerca de 40 km da sede do município de Selvíria, às margens da rodovia MS 444 (que liga Selvíria ao município de Inocência), implantado no ano de 2006 e que contempla 87 famílias. Simultaneamente à criação do assentamento, ocorreu a venda de antiga fazenda de criação de gado para empresas do eucalipto. Esta dualidade é considerada por muitos como salutar, pois entendem ser possível haver uma relação harmônica entre a grande propriedade monocultora e a pequena unidade de produção, esta última instalada na ótica da reforma agrária. A realidade apresentada na pesquisa, no entanto, demonstrou que as duas lógicas de produzir no campo são inconciliáveis, basicamente, porque a monocultura nutre-se de modelo industrial altamente impactante do ponto de vista ambiental e social.

**Figura 9:** Cerco do eucalipto – assentamento Alecrim



**Fonte:** Trabalho de campo, novembro de 2013. Organizado pelas autoras

Conforme um assentado do PA Alecrim, após o plantio do eucalipto, alguns animais apareceram nos sítios, como cobras, papagaios, insetos, entre outras espécies. Porém, o relato de outro assentado, cujo lote faz divisa com uma plantação de eucalipto, mereceu especial atenção pelas percepções similares que registramos na região a respeito da questão da água,

uma temática de grande controvérsia relacionada ao plantio de eucalipto. Segundo ele, a proximidade dos eucaliptos provocou a diminuição da água de um poço construído no seu lote:

[qual profundidade dos poços?] olha o primeiro [poço] que eu furei antes desse eucalipto replantado, foi um poço de 25 metros e deu 15 metros de água, balanceou essa água por muito tempo que eu construí essa casa, usei aqui muito, puxando no motor a gasolina, foi por um bom tempo, de repente foi encurtando, o eucalipto foi crescendo e essa água foi sumindo, foi diminuindo, diminuindo secou, ficou só lama, ai a bombinha só puxava lama! Era essa de como é que fala? Injetora néh! E ai não puxava mais, e ai eu comprei uma cilíndrica [bomba] botei, fui puxou uns dia, virou barro ranquei, ai fui reclamar pro cara, ai o cara veio e me deu outro poço da mesma fundura, 25 metros, na época foi contratada por 100 conto o metro. E eu comprasse a bomba, a bomba ele não dava, ele só dava o poço furado e mecanizado, foi 3 conto o metro. [no segundo poço] Ai já diminuiu a água, o eucalipto já estava maiô, ai minha água já deu só 12 metros, ela não deu 15 metros, e esses 12 metros foi rapidinho secou, sumiu rápido, não durou seis meses, ela foi embora, acabou! Foi puxando, puxando, puxando, um dia limpava, um dia puxava barro, um dia limpava, um dia puxava barro, de repente eliminou [...] (assentado do projeto Alecrim, 2013, Selvíria/MS)<sup>12</sup>.

Ao continuar seu relato, o assentado diz que furou o poço no decorrer do ano de 2006, logo quando entrou no assentamento Alecrim, onde mora com a família. Ao constatar o desaparecimento da água neste poço, procurou os técnicos responsáveis da empresa de celulose Eldorado Brasil, para pedir ajuda na solução do problema. Porém, não obteve retorno: os técnicos alegavam que o eucalipto não foi o responsável pela diminuição da água, mesmo quando o entrevistado afirmou que a água começou a diminuir justamente no momento em que o eucalipto foi crescendo. Ele continua:

[...] O rapaz do eucalipto veio duas vezes aqui, os pessoal que toma conta daí, que dirige o pessoal, vieram duas vezes mais nenhum resolveu nada, não me ajudou em nada [...] eles dizem que não tem nada a vê o eucalipto com meu poço. Quando eu pedi pra um vereador dar uma força pra mim: ir lá na Eldorado, que ele tinha muito contato com a Eldorado né h! E ai a única coisa que ele me trouxe foi mais problema, porque falou: olha um pocinho desse de 25 metros ai, você pode esquecer, isso daí ninguém dá segurança, ninguém dá, isso daí seca memo. Ai eu falei: não, eu queria que você resolvesse o meu problema não é trazer mais problema pra mim. Quando furou deu água, eu usei a água muito tempo, de repente o eucalipto foi crescendo foi sumindo a minha água. [os outros poços do assentamento] E esse poço nosso que dizem que tem 80 metros, eu não sei, mas dizem que tem 80 metros [...] então o nosso poço que foi furado de 80 metros dizem que a vazão diminuiu, que baixou a água, mas como ele é profundo, 80 metro, ele é mais profundo que o meu, o meu é 25, então tá aguentando que o eucalipto tava perto, só que ele tem mais profundidade néh! Porque dizem que isso daí busca água profunda mas, os técnico lá da Eldorado garantiu que não [...] se não é o eucalipto vindo pra cá, acho que nós tinha água até hoje, porque deu muita água [...]

<sup>12</sup> Transcrição de parte do relato sobre a diminuição da água no poço. Entrevista; trabalho de campo realizado em novembro de 2013 no PA Alecrim, em Selvíria.

Ressaltamos, no entanto, como já dito no decorrer desta pesquisa, que essa situação não se restringe aos assentados do PA Alecrim: está presente, também, em relatos de assentados do PA Pontal do Faia, localizado próximo à fábrica da empresa Eldorado Brasil – a cerca de 40 km da sede do município de Três Lagoas, às margens da BR 158 (ligação com a cidade de Selvíria). O Pontal do Faia foi implantado no ano de 2000, com 45 famílias; porém, a luta pela terra iniciou-se no ano de 1990. Nesse assentamento, encontramos relato semelhante de outro assentado quanto à diminuição da água do poço de seu sítio, após o plantio de eucalipto:

Hoje a água tá pouca, se olhar lá oh! Olha a bomba lá, o fundo dele tem agora 30 cm eu acho há cinco seis anos atrás essa água vinha aqui oh [momento em que ele nos mostra o início do poço], você pegava água aqui, é dois metros aqui oh! um metro e meio, [a profundidade] é cinco metros, cinco metros e meio o poço [chegava] a quatro metros de água [hoje] não dá 30 cm, a lá oh! Dá pra ver o fundo oh! [ele começou a diminuir] a dois anos e meio três anos, [na sua opinião, o que provocou isso?] Ah eu imagino, suponho eu que é o eucalipto viu! Muito eucalipto que absorve essa água. Se olhar lá embaixo na baixada, na onde que tinha um açude que a gente pegava água, agora secou você anda: é o nordeste [quanto tempo tem o poço] ele tem 10 anos, e a dois anos pra cá ele secou [e os eucaliptos ao redor do assentamento foi plantado a quanto tempo?] seis anos sete anos néh! [qual das empresas são responsáveis por estes plantios?] os dois, esse daqui é Fibria, Eldorado, aqui a fazenda [arrendada], eu tou rodeado de eucalipto [...] eu to rodeado de eucalipto aqui néh, a fazenda do lado aqui, do fundo, de lateral é tudo eucalipto, eu acredito que é o eucalipto que tá puxando essa água, essa umidade [...] (assentado do projeto Pontal do Faia, 2014, Três Lagoas/MS)<sup>13</sup>.

Este sítio não é o único no assentamento cercado pelo plantio de eucalipto. Na figura a seguir, podemos notar a proximidade do plantio de eucalipto com o sítio Estância Monte Sião, particularmente próximo à área que se reservou para montar a horta da Produção Agroecológica Sustentável (PAIS).

**Figura 10:** Cerco do plantio de eucalipto – assentamento Pontal do Faia



<sup>13</sup> Transcrição de parte do relato do sobre a diminuição da água no poço. Entrevista; trabalho de campo realizado em janeiro de 2014 no PA Pontal do Faia, em Três Lagoas.



Fonte: Trabalho de campo, janeiro de 2014. Organizado pelas autoras

Em relação ao PA Pontal do Faia, não se trata somente da proximidade dos plantios de eucalipto, mas também da proximidade da fábrica da Eldorado Brasil, que constantemente exala mal cheiro durante a limpeza da fábrica em direção às casas das famílias, causando incômodo:

Eldorado é aqui oh, ela bate de fundo aqui com nós, Eldorado só pular a cerca já tah na Eldorado, tah sentindo o cheiro gostoso, muito bom ali (risos), pra natureza, e pra nós também, acabando com o nosso peixe tudo, mas tah bom! [...] eu não acredito que não esta fazendo nenhum mal [ mas e a fiscalização] tem, mas pra muita coisa, passa vista grossa pra acontecer a coisa, senão não acontece, mas que mata, mata. Tah matando até nós com o cheiro aqui de madrugada, a gente acorda menina, parece que tem helicóptero pousando em cima da casa do barulhão daquilo ali oh! O negocio parece que vai cair meio mundo, as turbinas, é aqui de fundo com nós, a Eldorado, as turbinas, a hora eles ligam aquilo ali Deus me Livre [...] tem hora que eles ligam de madrugada, duas horas, três horas, menina é cada susto, sem contar que quando eles fazem a limpeza no setor deles lá é um fedô que ninguém suporta [...] agora você imagina isso daí lá dentro do rio, lá nos peixe lá [...] eu não concordo com isso daí que aconteceu [construção da fabrica próximo ao assentamento] só que a gente é minoria, a gente naum, quem é mais? [...] oh o cheiro, olha que cheiro gostoso, cheiro de óleo queimado, oh! Chama-se Eldorado (assentada do projeto Pontal do Faia, 2014, Três Lagoas/MS)<sup>14</sup>.

### Considerações finais

A escolha dos municípios de Três Lagoas e Selvíria, ambos pertencentes ao Território Rural do Bolsão/MS como áreas prioritárias para o plantio de eucalipto, deu-se em razão da garantia de incentivos fiscais pelo Estado, das condições hidrográficas (Aqüífero Guarani e as águas da bacia hidrográfica do rio Paraná), das condições climáticas (tropical), da vegetação de cerrado e do relevo suavemente ondulado.

<sup>14</sup> Transcrição de parte do relato do sobre o mal cheiro liberado pela Eldorado Brasil. Entrevista; trabalho de campo realizado em janeiro de 2014 no PA Pontal do Faia, em Três Lagoas.

Conforme Porto-Gonçalves (2006, p. 46), essas atividades monoculturas desenvolveram-se inicialmente nos países coloniais, na condição de agricultura de exportação. Diante da necessidade de expansão da produção, a monocultura, além de pôr as biodiversidades em risco, passou também a se expandir sobre as áreas já ocupadas pela população que detém outras formas de produção e cultura:

[...] o esforço (energia, literalmente) desses países nessa direção significa, na prática, ampla utilização de recursos naturais, muitos não renováveis, como os minerais, com a depleção, o que está implicando o avanço sobre as áreas ocupadas originalmente por populações de outras matrizes culturais (indígenas, afrodescendentes, camponeses de vários matizes ecoculturais), onde ricos acervos de biodiversidade estão dando lugar a monocultura ou, ainda para onde vem se dando a transferência de indústrias altamente poluentes do Primeiro Mundo para o Terceiro Mundo, com destaque para as de papel e celulose e as de alumínio-bauxita [...]

Alguns dos riscos que essas atividades provocam à biodiversidade já foram denunciados por alguns estudiosos, como Suertegary (2009, 2011, 2013), La Torre (2011) e Witt (2011), assim como outros os negaram. Os riscos decorrem do fato de o eucalipto necessitar de grande volume de água, o que, segundo os autores citados, tem provocado o desaparecimento de pequenos córregos e lagos nas áreas escolhidas como prioritárias.

Como apresentado nesse artigo, alterações como o desaparecimento de nascentes e a diminuição do fluxo de água nos córregos próximos às plantações de eucalipto já foram percebidas pela comunidade rural e assentada no Território Rural do Bolsão/MS. Conforme relatado, essas alterações tiveram início, especialmente, nas áreas onde há maior concentração do plantio de eucalipto, compreendendo os municípios de Três Lagoas e Selvíria.

Outra consequência da mobilidade do complexo eucalipto/celulose para o território foram as novas formas de organização no campo, decorrentes da territorialização do capital monopolista na região. Essa territorialização, por meio dos arrendamentos e vendas de grandes fazendas de gado de corte, transformou muitas propriedades anteriormente ligadas à pecuária em estabelecimentos dedicados às atividades monocultoras de eucalipto, provocando uma onda de desemprego dos antigos peões das fazendas de gado. Além disso, houve o cercamento dos projetos de assentamentos pelo monocultivo de eucalipto, o que lhes impôs uma reprodução perversa, dominada pela lógica da grande propriedade monocultora.

Nossa preocupação refere-se ao fato de que as condições relatadas pelas comunidades rurais e assentadas no território são duramente negligenciadas e negadas pelas autoridades locais – as quais, pautadas no discurso desenvolvimentista, garantem ainda mais incentivos advindos dos cofres públicos às empresas, como podemos perceber, por exemplo, pela parceria do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) no negócio das duas empresas, no quadro a seguir:

**Quadro 2:** Parceria do BNDES, Fibria e Eldorado Brasil

<b>FIBRIA – fusão da VCP e Aracruz em 2009</b>	<b>ELDORADO BRASIL – fusão Eldorado e Florestal Brasil em 2011</b>
- Receita estimada em R\$ 7 bilhões	- 1,5 milhão de ton/ano/celulose
- Controladores: BNDES – 34,9%; VCP – 29,3%; circulação no mercado – 35,8%	- 130 mil ha plantados
- Responde por 37% do mercado mundial de celulose	- Investimento de R\$ 5,1 bilhões
- Produção brasileira de 5,8 milhões	- BNDES: financiamento de R\$ 2,7 bilhões
	- JBS/Friboi – 58,6% (acionista)

ton/ano/celulose - Unidade Três Lagoas (Horizonte 1): 1,3 milhão ton/ano/celulose - Investimento de R\$ 3 bilhões	majoritário) - Holding MJ (controlado pela MCL Empreendimentos) – 25% - Fundos de pensão Funcef (funcionários da Caixa Econômica Federal) e Petros (da Petrobras) – 8,2% cada um
---	--

**Fonte:** Valor Econômico, 2009  
Organizado pelas autoras, 2015.

**Fonte:** Valor Econômico, 2011

Destarte, percebemos que os fenômenos de deslocamento industrial são responsáveis por criar amplo campo de domínios geográficos, seja sobre determinada área ou sobre determinada região, atendendo aos pré-requisitos de seus interesses e ao apoio dos setores político e econômico. Desse modo, é fundamental um olhar para essa parceria público-privada no Território Rural do Bolsão/MS, com destaque para o papel de protagonista das empresas do eucalipto na garantia do desenvolvimento da região – utilizado pelas empresas para desviar a atenção da sociedade acerca dos possíveis impactos ambientais e sociais de suas atividades.

## Referências

ALMEIDA, Rosemeire A. **A questão agrária na contemporaneidade e os desafios do movimento camponês no Brasil**. Montevideu: Egal, 2009. (Mimeografado).

\_\_\_\_\_. **Complexo celulose-papel: a quem beneficia?** Jornal do Povo, Três Lagoas, ano II, n.7, p. 34-7, abr. 2012.

ARAÚJO, Ana Paula C. de; BICALHO, Ana Maria de S. M.; VARGAS, Icléia A. de. Dinâmica do Espaço Rural do Pantanal de Mato Grosso do Sul no Processo de Expansão Capitalista. In: SILVA, Edima Aranha; ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de (Orgs). **Território e Territorialidades em Mato Grosso do Sul**. São Paulo: Outras Expressões, 2011.

ASEVEDO, Tayrone Roger Antunes de. **Territorialização e reestruturação produtiva dos agronegócios no Mato Grosso e Mato Grosso do Sul: desdobramentos e desafios para as classes subalternas**. 2013. 252 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2012.

**Banco de Dados da Luta Pela Terra (DATALUTA)**. Disponível em: <<http://www.ippri.unesp.br/#!/pos-graduacao/desenvolvimento-territorial-na-america-latina-e-caribe/relatorios-dataluta/>> Acesso em: 10 fev. 2014.

BIHR, Alain. A Crise Ecológica. In:\_\_\_\_\_. **Da Grande Noite à Alternativa: o movimento operário europeu em crise**. São Paulo: Boitempo Editorial, 1998.

FABRINI, João Edmilson. Campesinato frente à expansão do agronegócio e do agrocombustível. In: SAQUET, Marcos Aurélio; SANTOS, Roselí Alves dos. (Orgs). **Geografia agrária, território e desenvolvimento**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

**História do município de Três Lagoas**. Disponível em: <<http://www.treslagoas.ms.gov.br/view/a-cidade/nossa-historia/1/>> Acesso em: 02 jul. 2013.

JANOTTI, Maria de Lourdes Monaco; ROSA, Zita de Paula. História oral: uma utopia? **Revista Brasileira de História**, São Paulo, ANPUH, v. 13, n. 25/26, p. 7-16. set. 1992/ ago. 1993.

KUDLAVICZ, Mieceslau. **Dinâmica agrária e a territorialização do complexo celulose/papel na microrregião de Três Lagoas**. 2010. 177 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2010.

\_\_\_\_\_; MARGARIT, Eduardo, ANTUNES, Tayrone Roger. Eucalipto e impacto em comunidades rurais: o caso de Garcias em Três Lagoas/MS. In: Congresso Sul-Mato-Grossense de Geógrafos, 1, 2012, Campo Grande. **Anais**. Campo Grande: UFMS, 2012.

MAURO, Gilmar. O significado da Reforma Agrária para os movimentos sociais. In: OLIVEIRA, Ariovaldo U. (Org.). **O campo no século XXI**. São Paulo: Casa Amarela/Paz e Terra, 2004.

MEIRELLES, Daniela; CALAZANS, Marcelo. Água e monocultivo de eucalipto. In: \_\_\_\_\_. **H2O para celulose x água para todas as línguas: conflito ambiental no entorno da Aracruz Celulose S/A – Espírito Santo**. FASE: 2006, p. 44-57. Disponível em: <[http://www.issuu.com/cintiabarenho/docs/12\\_h2o/](http://www.issuu.com/cintiabarenho/docs/12_h2o/)> Acesso em: 10 fev. 2014.

PERPETUA, Guilherme Marini. **A mobilidade espacial do capital e da força de trabalho na produção de celulose e papel: um estudo de caso a partir de Três Lagoas (MS)**. 2012. 251 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2012.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. A questão sociodemográfica e o desafio ambiental no período neoliberal para além de Malthus. In: \_\_\_\_\_. **A globalização da natureza e a natureza da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

RIBEIRO-SILVA, Cristovão Henrique. **A lógica da territorialização da indústria: o parque industrial em Três Lagoas – MS de 1990-2010**. 2013. 218 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2013.

SAQUET, Marcos Aurélio. Síntese para a expansão da abordagem territorial. In: \_\_\_\_\_. **Abordagens e concepções de território**. Expressão Popular: São Paulo: 2007, p. 75-96.

ULLRICH, Otto. Tecnologia. In: \_\_\_\_\_. **Dicionário do Desenvolvimento**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 339-54.

Artigo recebido em 15-03-2016  
Artigo aceito para publicação em 22-01-2017